

vaga,
da, pa-
ado ou-
turezza.
gem pa-
ado em
Perante
que afi-
nto in-
necessi-
que os
otentes.
peito.
gosto
de ir
melhor.
deles.
nada?
Quan-
Quão
Pobres!
Eles
dar. E
que no
rmãos!
am-nos,
o vive
or isso
eisamos
do que
aptista
espírito
tena de
ário on-
ença na
ue leva
de pes-
hecidas
aiato o
Por-
ua de
, com
ccção.
nuamos
fazer a
crianças
á vida;
entra-
ca é co-
trar. O
eva é o
ens por
stâncias
nesmas.
.....
ço com
os mais
m cora-
s infeli-
a senão
a aban-
despre-
a da es-
ois cha-
ue têm
de e a
n hoje
sso que
Rapazes
boa. O
em re-
o. Tem
empre:
todos a
áquina
inquen-
ssinan-
la Ban-
00 de
o Peso.
Maria

F A-LOS hoje mesmo, 7. de Janeiro, a «Obra da Rua».

«Nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes»... A palavra de Pai Américo, proferida ainda perto dos primeiros passos, cumpriu-se.

Nasceu pequenina... Cresceu devagarinho, sem violência ao ritmo da natureza

que Deus lhe deu. E atingiu a dimensão que tem com um mínimo de intervenção humana.

Chegou onde Quem lhe deu o ser quis que chegasse. Irá até onde Ele sabe e quer. Nem mais, nem menos. Da nossa parte não desejamos nem pedimos mais do que não sermos estorvo. Menos ainda termos a pretensão de ir além do que Deus quer de nós.

Foi sempre assim com Pai Américo. As obras rebentavam-lhe nas mãos, com a espontaneidade das folhas na Primavera. As Colónias em S. Pedro de Alva, em Ceira, depois em Miranda do Corvo; a estabilização destas na Casa de Repouso do Gaiato Pobre das Ruas de Coimbra; a transição desta para Casa do Gaiato à feição de agora; depois, os Lares; o Património dos Pobres; o Calvário.

Nunca planeou. O pensamento brotava como sugestão divina. Amadurecia-o na Mesa do Altar. E em tendo a certeza de que era Deus quem queria, lançava-se à Cruzada com a firmeza invicta dos que pelejam no nome do Senhor.

A Obra de Pai Américo nasceu assim. Cresceu assim. Assim chegou onde chegou. E eu tenho para

Fundador: PADRE AMÉRICO
7 DE JANEIRO DE 1961



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção e Adm'nistração
Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da Obra da Rua

Director e Editor
PADRE CARLOS CASA DO GAIATO

Composto e Impresso
Nas Escolas Gráficas

VINTE E UM ANOS

mim que a sedução perene que desperta, provém da manifestação de Deus em Seu convívio familiar com os homens que nEle crêem e esperam — que outro não é o exercício da Sua Providência ordinária.

Nada de espectacular, nada de extraordinário. Os milagreiros jamais encontraram ou encontrarão aqui pasto para as suas «iluminações». Tudo na Obra é simples, normal, humanamente são, com virtudes e defeitos — mas assente em Fé profunda e sincera nEle, de Quem tudo esperamos, com Quem só conta-



Pai Américo em sua simplicidade fala-nos da simplicidade de Sua Obra e, simultaneamente, que Deus é Simples!

mos. E Ele está. E Ele sente-se. E Ele atrai, domina e arrebatava, com tanta naturalidade como «naquele tempo» as multidões O seguiam, presas do encanto da Sua Palavra, do mistério da Sua Pessoa.

Jesus entre nós, o Deus conosco, vivendo, convivendo familiarmente com os santos e com os pecadores (É para o doente que o médico vem) — eis a Providência ordinária de Deus, confirmando a Fé dos que já criam e encantando os espíritos dos que ansiavam por crer.

A vivência da «Obra da Rua» ao longo dos seus 21 anos, o seu perene encanto, que a repetição e o hábito não diminuem,—só se explicam pela presença de Jesus.

Uma vez mais, e sempre, Ele «é a pedra que foi rejeitada e se tornou a pedra do ângulo, fora da qual não há salvação».

«O nome do Senhor é torre fortíssima. NEle esperei e fui ajudado».

Bem podemos entoar este cântico no remate dos primeiros 21 anos de existência.

Trabalhos, escolhos, incompreensões, lutas, dentro e fora... contradição—de tudo tem havido a temperar a nossa vida. Pois nunca foi preciso defendermo-nos. Menos nos foi preciso atacar. Mesmo corrigindo, mesmo castigando, sempre pudemos compreender, perdoar, amar... Porquê? Porque o «Nome do Senhor é torre fortíssima», inexpugnável. E a «Obra da Rua» está edificada sobre este Nome.

Bendito seja o Santíssimo Nome de Jesus!

DOCTRINA

QUANDO me deito e sinto o aconchego da minha cama é rara a noite que me não lembro daqueles que àquela hora estão cheinhos de frio.

Sou professora; não sou rica; mas envio esses dois cobertores para quem menos tiver com que se aquecer nesta noite santa do Natal (de preferência crianças ou velhinhos) para que Nosso Senhor permita que os meus filhos nunca sintam necessidades.

★

Que difícil de comentar esta dedicatória! Antes me apetece chamar-lhe FORMA do Amor Fraternal, a consagrar a MATÉRIA ofertada!

Suponhamos que todos os homens do mundo que sentem o aconchego da sua cama, sofriam o tiritar dos «que àquela hora estão cheinhos de frio»! E que, na proporção do seu aconchego, se davam — como seria consequente — a mitigar o desconforto de quantos podiam de entre aquela multidão que em sua volta sofre de faltas que levam à decadência dos valores humanos. E lembremo-nos de como é doce aos sentidos e repousante ao coração aquele aconchego, enquanto cá fora a chuva e o vento falam a sua linguagem. E de como é fácil, então, desejar o melhor, ser bom, amar. (Quantos não odiarão, porque a chuva e o vento lhes falam directamente sobre a pele e a fome grita, dentro, que nem aí há resistência a opor!).

Suponhamos, pois, que era assim... Haveria no mundo a inquietação que há? Aqueles que sofrem por amor o frio dos outros, «que àquela hora estão cheinhos deles», não dormiriam puramente felizes do seu aconchego? E os outros: os que não sofrem por amor; os que ainda não advertiram que em sua volta, «àquela hora, são tantos cheinhos de frio»; ou que, tendo advertido, são capazes de recalcar a lembrança e de gozar um ilusório conforto — esses não pagam depois em insónias e pesadelos o mal que a sua inconsciência permite ou causa?

É tão simples a Paz! Ela é um corpo vivo de dimensões universais. O nome de cada célula é uma consciência em Paz.

Quem A pensa de outro modo?! Quem julga que Ela pode resultar de fora para dentro, por força da aplicação de uma doutrina humana?!

«Sou professora; não sou rica; mas envio esses dois cobertores para quem menos tiver com que se aquecer...» E eu digo: Não é professora, é Mestra; é rica de Inteligência e de Sabedoria, que nada têm a ver com o engenho e a cultura dos sábios deste mundo. Para ela, saber—é uma força que se desprende e age aquilo que sabe. De que serve o conhecimento se não conduz ao Bem?

«...Não sou rica; mas envio...» Envia aquilo que pode, na medida do seu poder. Mais ou menos... — não importa. Envia.. E à noite, quando sentir o aconchego da sua cama, lembrar-se-á ainda «daqueles que àquela hora estão cheinhos de frio». Mas experimentará um aconchego novo: a consolação de um a menos naquela multidão, por obra do amor que a tem feito sofrer o frio dos outros e os aconchegou.

O mal não está no «aconchego da minha cama». É normal e humano e bom que uma Mãe deseje e peça a Nosso Senhor «que os meus filhos nunca sintam necessidades».

Estranho e mau é que tantas mães e tantos pais — que não são professores (muito menos Mestres), que são ricos — não repartam cobertores (e o mais) na medida das suas posses, para apagar na sua carne aconchegada pelo calor da cama o frio que ainda fica (ou devia ficar), o frio dos outros, dos que se cobrem com farrapos, ou se aquecem mutuamente em promiscuidades vergonhosas e escutam directamente em sua pele a linguagem da chuva e do vento!

Cantinho DOS RAPAZES

Não vos devia deixar sem uma palavra nesta data tão significativa para a nossa Obra.

Vinte e um anos na vida de uma pessoa fazem a sua maioridade. Não sei quando é a maioridade das Instituições. Ou melhor, sei que essa maioridade há-de provir da maturação dos frutos que lhe são próprios. Ora quais são os frutos que a «Obra da Rua» deve dar—conforme à sua natureza maternal—senão vós, seus filhos? Por isso, em certo modo, de vós depende a maioridade da Obra, na medida em que os frutos dados ao longo dos seus 21 anos estiverem na plena posse da sua qualidade.

É numerosa a geração dos nossos que estão a singrar pelos seus próprios meios. Outra geração se está preparando para voar sózinha. De ambas elas, foram chamados alguns (e outros hão-de ir sendo) para continuarem a Obra, servindo o irmão que hoje vem e amanhã parte, e depois deste outro e outro—uma tarefa que só o amor de Deus pode conservar, de tão esgotante e exigente que ela é. A maturidade destes de vós tem uma função de especial relevo na maioridade da Obra. E saibam todos,—e estes especialmente—que o amadurecimento há-de ser em dor, qual mãe que gera.

Tem valido a pena? Valerá a pena? Eu digo que sim. E não

vos deixo só com a minha palavra. Trago comigo um daqueles frutos maduros, cheios de aroma e de sabor, que reclama, ele mesmo, a seiva que o fez assim.

É o José Pimenta Teles. Não é surpresa. Há muitos anos que a Festa do Natal aí o traz.

Não faço comentários à sua carta. Apenas vos peço que repareis na nobreza que dá a gratidão e desejeis contagiá-los.

Experimentai vós, a alegria de a meditar.

Depois...Terá valido a pena? Valerá a pena?

A resposta, já Pai Américo no-la deu há muito:

«Que fosse um só! Mas eles são tantos!... mas eles são tantos!».

«Peço a Deus que ao receber esta se encontre com saúde e felicidade, bem assim como toda a rapaziada da Obra do nosso tão querido e sempre lembrado «Pai Américo».

Com a graça de Deus tanto eu como minha esposa vamos indo bem e a restante família.

Com a ajuda de Deus e nosso «Pai Américo» sempre a me proteger e a me abençoar lá do Céu, minha vida continua a melhorar e a sentir-me feliz em poder ajudar o nosso semelhante, poder sempre fazer o bem e mitigar um

pouco a fome dos desprotegidos pela sorte e assim com «Ele» sempre presente ajudarei os nossos rapazes.

Veio de Portugal uma tia de minha esposa que esteve passando mais ou menos 18 meses aí, ela falou-me que Portugal está lindíssimo, as plantas todas floridas parecendo tapetes coloridos em diversos tons. Fiquei muito contente, pois uma grande parte de minha vida foi passada aí, senti-me muito orgulhoso de ouvir palavras maravilhosas do nosso querido Portugal. Se Deus o permitir irei dentro de algum tempo visitar com a minha esposa os lugares belos de Portugal e em primeiro lugar será a nossa Obra onde passei alguns anos de minha vida e de onde me lembro ainda da voz suave e bondosa do nosso «Pai». Ela trouxe-me um busto do «Pai Américo», mas em ponto pequeno, como fiquei contente com essa lembrança. Pus o busto do «Pai Américo» na minha saleta de música em cima da estante de livros. Achei um pouco pequeno para o tamanho da sala, será que o Padre Carlos conseguiria para mim um busto bem maior, em louça ou bronze?

Combinei com minha esposa em enviar pelo Natal e Páscoa a importância de 1.000\$00 de cada vez. Estavamos mandando somente pelo Natal, mas como a nossa situação está a melhorar e com a ajuda do nosso «Pai Américo» iremos enviar também todos os anos 1.000\$00 pela Páscoa.

Termino enviando um abraço para toda a rapaziada e o Sr. receba respeitosos cumprimentos de mim e de minha esposa.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Evangelho bem vivo

A cidade de Coimbra, que foi a tarimba de Pai Américo como Padre da Rua, despertou vigorosamente! Além de uma lista com 83 novos assinantes (não sabemos quem foi seu obreiro — o que tem mais valor), recebemos uma carta pujante de Vida. Ela aí vai:

«Durante bastantes anos fui assinante do Famoso.

De repente, deixou de me ser enviado, por certo devido a algum lapso, pois não me pesa na consciência merecer ingresso no rol dos não pagantes.

Ora, desgosta-me depender da venda nas ruas. Muitos números tenho deixado de ler. E a doutrina do nosso jornal é o Evangelho bem vivo, que precisa de ser e tornar a ser pregado, sem cessar, de molde a impregnar-nos a consciência, a tornar-se norma da nossa vida.

Daqui o meu pedido de me tornarem a inscrever no número dos assinantes. E aproveito esta oportunidade para pedir que, como assinante, seja inscrito igualmente o Sr. X.

Se, porventura, alguma vez me esquecer o pagamento de ambas as assinaturas, não nos risquem do rol, mas antes me façam a cobrança, acrescida das despesas respectivas e juros também, para castigo e porque o Famoso tudo merece».

A razão do cancelamento da assinatura nem a gente sabe qual foi. Avelino procurou, procurou—e nada. Mas o mais importante desta missiva é, sem dúvida, a necessidade imprescindível que o leitor sente do Famoso. «A doutrina do nosso jornal é o Evangelho bem vivo...» E quem pode, por isso mesmo, deixar a sua companhia? Só os pesos mortos.

E já que estamos em maré de cartas, temos aqui outra que é uma demonstração do interesse e do amor que arde na alma dos obreiros desta Campanha:

«É com imenso prazer que todos os quinze dias recebo o vosso tão querido jornal. E ao receber a circular para preencher com novos assinantes não pude ficar descansada enquanto não fiz o possível para que ficasse totalmente cheia. Deus não quis que assim acontecesse mas não foi por não ter empregado todos os esforços. Em todo o caso não desanimarei».

«Em todo o caso não desanimarei». Ai «Gaiato»! Como tu és capaz de gerar heroísmo! Pois este voto, que não é único, alegra-nos imenso, por ser uma afirmação de que a colheita vai até ao impossível. Ora isto escalda e queima-nos a alma. E dá cada vez mais

força para insuflar ânimo e coragem nos corações que ainda se não dispuseram a lançar-se na Campanha. E quantos—oh quantos!—bastava uns breves instantes para levarem o Evangelho vivo a visinhos e amigos, entre os quais alguns, certamente, já conhecem ou ouviram falar da Obra mais amada dos portugueses, mas que não se alimentam da seiva que brota do Famoso só porque não houve, ainda, quem fosse por eles. Que seja agora. Mais vale tarde que nunca!

Já que para este número não podemos abusar do espaço, vamos ver se conseguimos dar conta, o mais sinteticamente possível, do extraordinário movimento de novos assinantes recebidos durante a época de Natal. Começamos pelo despique Porto-Lisboa. Da Capital vieram 31 assinantes. Só uma lista de um engenheiro civil traz a inscrição de 10 colegas! O Cândido, do Tojal, aparece agora e pede que entusiasme os senhores lisboetas e diz de como a venda do Famoso na Capital entrou em nova fase—o que muito nos alegrou. Pois os alfacinhas estejam descansados. Continuam na mó de cima!

O Porto, em relação, perdeu alguns pontos. Recebemos só 26 deles. Mas o Porto há-de subir na classificação, quando não... sujeita-se a perder os pergaminhos que muito honram a Invicta Cidade.

A Província continua na vanguarda! Gaia e Gondomar, Ponte do Lima e Vila Verde, Braga e Cinfães, seguem de mãos cheias. E recebemos mais gente fresca de Águeda, Valado de Frades, Baião, Coruche, Ovar, Castelo Branco, Abrantes, Cadaval, Alcobaça, Alhandra, Macieira de Cambra, Ponte de Sor, Póvoa de Lanhoso, Cacia, Vila Verde de Ficalho, Portalegre, Miranda do Corvo, Barcelos, Castro Daire, Valpedre, Barreiro, Espinho, S. Félix da Marinha e Taveiro. O mapa, como verificam, tende a aumentar. Que a província não deseje despir a camisola amarela da Metrópole.

Agora, é a vez dos portugueses de além mar. E Moçambique continua a dar muito que falar! Graças a Deus. Nampula apresenta-se com duas listas. Uma do Pároco — que amigo! — com 9 deles. E outra duma Senhora — que amiga, também! — com 14 e uma carta dirigida ao Sr. Padre Carlos, de que não resistimos a transcrever o seu introito: «Inhambane, chamada a «Terra da Boa Gente» pelos nossos antepassados, por aqueles gloriosos e valentes homens que, à sombra da Cruz, sulcaram mares nun-

VENDA DO JORNAL

A venda avulso do jornal é um dos acontecimentos mais importantes da quinzena. Ela é objecto de uma preocupação muito especial da nossa parte. Todos os sábados, de quinze em quinze dias, manhã cedo, lá vai a carrinha com o pequeno rancho de pregoeiros de «O Gaiato», em direcção ao Porto.

Na véspera há uma breve reunião onde resolvemos problemas que eles apresentam; tomamos resoluções e alimentamos entusiasmo.

Ora, ultimamente as nossas reuniões eram caracterizadas por um ambiente muito pesado e explico porquê: é que a venda do jornal que há pouco mais de um ano estava em 5.000, na cidade do Porto, baixou para menos de 4.000. De quem a culpa? Do jornal? Não, pois temos tido tantas provas e tão claras de que «O Gaiato» é procurado com a mesma sofreguidão de outros tempos. Da falta de compradores também não, embora o número de assinantes tenha aumentado em ritmo acele-

rado. Então? Foi o entusiasmo deste pequenino rancho de vendedores que arrefeceu. Embora lhes custe, têm de reconhecer que foi assim, aliás confirmado pelo que víamos nas ruas do Porto e pelas queixas amigas de muitos dos nossos amigos, habituados a ouvir o pregão — «Olha O Gaiato». Era preciso, pois, lançar lenha na fogueira para que não se apagasse. Era preciso reacender o entusiasmo arrefecido. E foi o que se fez. Falámos muito a sério e graças a Deus que tomaram também a sério o que ouviram. O Chico dos teares que sempre tem vendido todos os que leva, no Porto e em Braga, pede mais 30 jornais. Ficou nos 300. Estou absolutamente convencido de que, em breve, pedirá mais e não tardará muito a ocupar o 2.º lugar deixando para traz o Zé Bolas que actualmente vende 350. O Bombeiro, nosso actual «camisola amarela» vendia 410. Levou mais 20 e vendeu-os. Tem jeito e espero que não ficará por aí. Tenho pena de que, para já, a distância que o separa do 2.º seja ainda muito acentuada e que o deixe sem preocupações. Seria mais interessante vê-lo em luta cerrada com o seu adversário mais próximo em defesa da sua

posição de guia e da «camisola amarela», que ele tanto estima. Aguardemos o embate.

Foi assim com um pouco de brio comunicativo a todos que a venda seguinte subiu perto de 400 jornais. E a alegria voltou às nossas reuniões.

Já contávamos que nesta altura do Natal os nossos vendedores fossem objecto de carinhos especiais por parte dos seus «fregueses». Tanto, porém, não. E foi para nós agradável surpresa ver o Zé Bolas, na véspera do Natal, mostrar-nos os presentes que lhe deram em Braga: um fato — casaco e calças (que ele quer que sejam compridas, mas ainda não é desta vez), uma camisola de lã, uma camisa e mais coisas. O «Manuel Preto» apresenta-se-nos de impermeável e botas de borracha de cano alto.

O Chico trouxe umas meias e o bolo do costume que uma Senhora Amiga não deixa nunca de mandar. E todos mais ou menos, tiveram os seus presentes.

Faz-nos tão bem vê-los assim rodeados de tanto carinho! Deus permita que eles sempre o mereçam.

Padre Manuel António



Noticias da Conferência

CONSOADA: Como é hábito, nas vésperas de Natal, distribuímos a Consoada aos nossos Pobres. Não foi um bocado. Um bocado como os jornais apregoam durante esta época: Pobres em lha, mesas de honra com os insignes benfeitores e toda aquela solenidade mais humilhante que eivada de espírito cristão. Fomos à residência de cada um dos nossos visitados com Sr. Padre Manuel ao volante do Morris, cheio de embrulhos com batatas, bacalhau, regueifas, azeite e tranchadas. Preenchemos, completamente, uma tarde no giro. E compreende-se. Ir a casa do Pobre, poisar e andar; ir a casa do Pobre e não conviver, fraternalmente, aquela hora, seríamos mais uns moços de recados que humildes vicentinos. Dia grande! Alegria em todos os lares! Os Pobres contentes, porque amados, tiveram um Natal mais confortável que o de Jesus, nas humildes palhinhas de Nazaré. E a alegria deles encheu-nos a alma.

E outra, maior ainda, naquele dia, deu-nos ao a'ns momentos de meditação. Já estava toda a comunidade no refeitório. Ao subir as escadas, por detrás do hospital, um dos nossos colegas espera. Ao passar faz alto. Toma. É para a consoada dos nossos Pobres. Ele é dos que já ganha. E tem uma pequenina importância mensal para gastos eventuais. (A propósito: Sendo as Casas do Gaiato uma Escola de Vida, quando o rapaz atinge determinada idade auferir salário, consoante as suas qualidades morais e profissionais. É um processo educativo pró seu futuro. Por isso, quando atingir a emancipação, isto é, quando passar a viver de sua conta e risco, se for poupado, terá um pecúlio).

Ora aquele nosso irmão deu a moeda e desandou, sorrindo de satisfação. É para a consoada dos nossos Pobres. Deu a moeda escondido e escondida, mas ele perdoará que eu revele, anonimamente, o seu gesto, que calou fundo em meu coração, por ser um caso edificante para todos nós.

O QUE RECEBEMOS: Como o espaço, nesta altura, é mui pequeno, vamos ver se conseguimos dar nota, resumidamente do que recebemos durante esta quadra. Aveiro, 50\$00. Chaves, o mesmo. O dobro da assinante 4343. Idem, de «Uma Alentejana», 40\$00 da n.º 25205. E 50\$00, da 14941. Cinco vezes mais do Porto, para a consoada. Mais 200\$00 de um anónimo. E 40\$00 da assinante 17022. E 50\$00, de Lisboa, mais um embrulho de roupas. E dos sócios da Importadora de Borrachas, 20\$00. Mais 20\$00 da 16385. E o mesmo, do Porto. E o dobro de Arifana. Mais 30\$00 da 7604. Mais 100\$00 do 8574. Idem do 8644. O Porto, outra vez, com 20\$00, pela mão do assinante 11823. Duas vezes mais de Laurina Costa por alma de minha Mãe. Mais 100\$00 de uma promessa por uma graça obtida. Metade de um cliente da nossa Tipografia. Aqui vai o Bêbé N.º 3 com 40\$00 para as cotas de Setembro e Dezembro e o P. S. da carta diz: *Peço desculpa de demora e dos gafalinhos porque, apesar de Bêbé, tenho 72 anos de idade. Oh simpatia! Mais 20\$00 do assinante 18670. E outra vez 20\$00 da 14186, do Porto. Finalmente, de Naugatuck, U. S. A., um dolar para a ceia do Natal. E é tudo. Demos graças a Deus.*

Júlio Mendes

ca dantes navegados, não esqueceu as suas palavras. A Obra de Pai Américo está presente no coração dos Inhambanenses. Tanto quanto lhes é possível, ei-los assinando o vosso simpático **Gaiato**. Oh sementeira frutuosa! E que alegria sentimos quando chegam às nossas mãos notícias dos Portugueses de África!

Lourenço Marques torna, vergada ao peso de uma lista com 33 assinantes. E a **camisola amarela** do Ultramar assen-

Tem sido sempre assim. Nesta ocasião do Natal quase não há canto de Portugal que não esteja presente junto de nós. E esta presença dá-nos confiança. Não sobretudo pelo material que nos dão, mas também e muito pelas palavras que acompanham quase sempre as dádivas. Se isto se verifica no decorrer do ano inteiro, mais ainda nesta quadra.

E esta coluna deixa de ser um desfilar enfadonho do material que nos dão transformando-se em tribuna de doutrina pregada pelos próprios leitores.

A primeira lição é-nos dada por esta Mãe de Lourenço Marques: «Pelo bom sucesso do nascimento do meu terceiro filho, um rapaz (já tinha duas meninas), junto envio o cheque n.º 87818 e que peço seja para comprar leite para as crianças do Barredo. Graças a Deus o meu filhinho nasceu com vida e hoje já tem 4 meses. Tanto pedi a Deus que me desse leite para o poder amamentar ao peito e fui atendida».

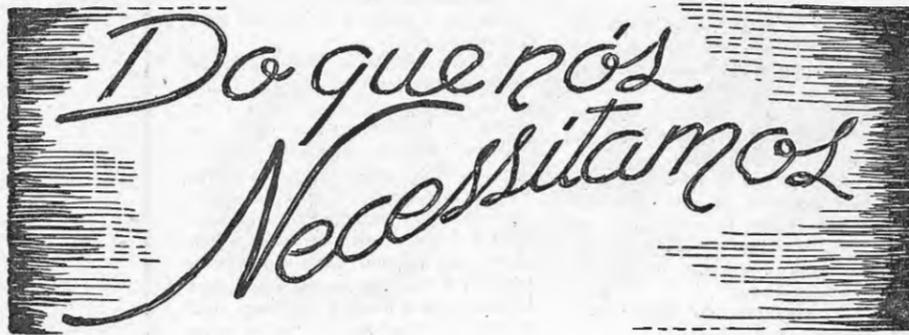
Quando, por toda a parte, se procuram meios para limitar os nascimentos, obstando criminosamente a que seres humanos inocentes vejam a luz do dia, (e isto como condição de felicidade!) as palavras desta Mãe Africana produzem escândalo. Abençoado escândalo! Mais ainda: «Deus ajudou-nos. O nosso filho nasceu bem». Quando pomos em Deus a razão de ser da nossa vida, nEle encontramos explicação para os acontecimentos que se vão desenrolando à nossa volta. Foi com alegria que esta Mãe se desprendeu dos mil escudos que nos mandou em acção de graças. «Um casal agradecido ao Senhor» põe quatro vezes mais. E para o que for mais preciso, «de uma amiga que tem muita pena de não poder dar mais» — 1.000\$00. É

Colabore na
«Campanha de Assinaturas»

ta-lhe muito bem. Parabéns, lourençomarquinos. A Beira — apesar do seu baírrismo — segue de mãos quase vazias. Só 3 deles! Vamos acordar, senhores virenses!

De Angola temos, apenas, a presença de Luanda e Gabela. Mais uma lista dos Açores, com 4 assinantes de Vila do Porto. E, por fim, os portugueses do Brasil. Já lá chegou o barulho! E S. Paulo leva a dianteira.

Júlio Mendes



consoladora a abundância de migalhas pequeninas, de mistura com as mais volumosas. São 10\$ em selos; muitas de 20, de 50 — «por alma daquela que tanto amei, para a Obra que ela tanto amava», — um vale de 250\$00 — primeira gratificação como enfermeira do Hospital de S. João; uma professora primária, há pouco saída da Escola do Magistério, envia o primeiro ordenado.

Os alunos mais a sua professora da Escola mista de Ponte de Talénado recolhem o que podem e querem que seja para os Pobres do Barredo.

Mais migalhas — 50 de T. A., fruto do primeiro provento; 100 e duas vezes 50 e mais 100 do Funchal; 20 de «um pecador»; outros 20 em acção de graças; o mesmo da Avó de Moscavide — «a pequena lembrança de sempre e a amargura de não poder ser mais»; o pessoal da Mobiloil depositou duas vezes 53\$50; Maria D. mandou seus recados e tudo foi cumprido à risca.

É a vez da Covilhã. Queremos dar um viva à Covilhã! Porquê? da Fábrica de Lanifícios nas Poldras veio uma rica peça de tecido de lã; de Pimentais, L.da preciosos retalhos. Muitos embrulhos de roupas no Espelho da Moda. Não imaginam o nosso contentamento na operação de abrir os pacotes das roupas: lençóis, cobertores, sapatos, fatos e tantas outras coisas. Quanto carinho, na confecção dos agasalhos que nos mandam. Há quem os prepare tão bem como se fossem para os próprios filhos. E a propósito: temos tido várias propostas para confeccionar camisolas gratuitamente desde que tenhamos lã. Se porventura vierem alguns novelos aproveitaremos sem demora estas boas vontades. Cumprindo uma velha tradição, «as Senhoras das camisolas» do Porto não faltaram. Que riqueza!

«Em acção de graças e para que Deus me deixe criar os meus filhinhos — 100\$00». Veio recado do assinante 26.229. Duas vezes 50 «de um amargurado». E o outro? Estamos habituados a ver os dois sempre juntos.

Também este ano não faltaram as castanhas de Carrzedo de Montenegro. Foram 5 sacos. Mais uma oração de uma costureira pelas costureiras do Hospital de Santo António.

Duas universitárias moçambicanas marcam sua presença. M. M. deixou recado em «O Comércio do Porto» que depois o foi levar ao Banco Espírito Santo. Mais uma oração de pai e avó pelos filhos e netos. Vem da Amadora. E esta: «Envio-lhe esta quantia (1.500\$00) em acção de graças pela minha filhinha ter nascido com vida! Peça a Deus que a proteja e me ajude a criá-la para o Bem. Uma Mãe». O poder da mãe quando sabe rezar assim! Nada lhe resiste. Nem Deus.

E agora um grupo de telefonistas dos C. T. T. de Lisboa enviou duas camisolas interiores e duas blusas de malha. Também de Lisboa ofereceram uma colecção de selos. Cá em Casa aproveitámo-los todos e é assim que vamos arranjando patins para os rapazes. As migalhas continuam a chegar, de 20, de 5, de 50, de 100 com os mais variados fins.

Do Manuel da Corticeira veio o do costume «porque não posso dar mais». 1.006\$50 dos Comerciantes de Carnes do Porto, 500 da Beira, Moçambique; 180 de Luanda; 350\$00 de Lisboa para serem distribuídos pelos Pobres; 200 do Porto; 36\$00 — primeiro ordenado e mais 14\$ de juros; 50 de Algés; para o carro de 3 rodas do pobre de Setúbal vieram 500 de uma vez e 300 doutro; do assinante 33.801, 50\$00 para a ceia do Natal; «uma mãe» volta com 100\$ e antes tinha vindo com mil, 213\$00 resultado da colecta dos empregados do Crédito Predial; mil da Companhia de Açúcar de Angola e outro tanto; 70 «para que Deus dê vida e saúde a uma irmã e sobrinho».

Um momento: «Terminei o Magistério este ano e, em cumprimento duma promessa envio 500\$ do meu primeiro ordenado. É pouco, mas vai também o co-

ração que tenho preso à Obra — pois são raros os dias que me não lembre de vós». É de uma Madeirense. 400 de uma promessa, de Lisboa; duas vezes 70 de A. G..

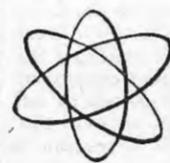
Não podemos esquecer o carinho da Casa de Saúde da Boavista para com o nosso Alfredo que Deus levou para Si. Nada levaram pelo trabalho e nada queriam levar, pelos remédios. Que Deus lhes pague! De A. M. 500\$ para os Pobres do Barredo; 426\$ — produto das esmolhas lançadas na caixa mealheiro da Tabacaria Cardoso e Carvalho; 500 de pessoa amiga do Porto; 1.450\$00 de uma promessa, de Coimbra.

O pessoal da Fábrica de Tecelagem do Jacinto L.da oferece 700\$00 «para assim festejarem o nascimento do Redentor para que nos dê Paz e Alegria».

Mais doutrina: «quero repartir com os seus Pobres parte do meu primeiro aumento de vencimento — 500\$». Outro tanto de J. S. F. do Porto.

Mais 50+100 para o carro de três rodas. Padre Acílio espera em breve levar a boa nova ao pobre que dele necessita. Da Fábrica de Lanifícios de S. Gabriel vieram 10 mantas para os nossos Pobres. Que riqueza de retalhos e uma peça de cotin da Fábrica do Bairro! E a invencível do Porto presenteou-nos com 77,7 m. De Lanifícios B. B. C., do Porto 15,6 m. de fazenda para sobretudo. Os amigos do costume não se esqueceram das mantas de Vinho do Porto que nesta ocasião costumam mandar. Queremos neste lugar deixar o nosso agradecimento a F. Ramada por tudo aquilo que nos tem dado no decorrer dos anos.

Padre Manuel António



FACETAS DE UMA VIDA

Continuação do número anterior

É neste sentido que Jesus acode e diz: «Sem mim nada podeis. Assim como a videira fora da cepa não produz fruto, também vós fora de mim não produzireis boas obras. Pedi pois, e dar-se-vos-á. Batei e a porta será aberta. Qual é o Pai que, pedindo-lhe o filho pão lhe dá um escorpião?» Mas pedir o quê e para quê? Eis a questão. Muita gente não sabe pedir nem o que pede. Pedem regalos da vida presente e a oração é letra morta. O reino de Deus não é deste mundo. Jesus pregava isto muitas vezes, e já então os homens da Palestina o não compreendiam e por isso o crucificaram. Eles esperavam um Rei poderoso, como os Profetas haviam predito, mas desvirtuaram o sentido da palavra. Queriam um rei poderoso no império do mundo e ele era poderoso na vida da alma. Era poderoso um rei que os libertasse do jugo romano e Jesus prega: «Agora não há gregos nem romanos, somos todos irmãos». Esperavam um rei com a sua corte de gala e exercícios poderosos e Jesus caminha pobremente, pucura os humildes, prega a mansidão, combate o orgulho, proclama o amor e nas sinagogas increpa os enfatuados

doutores e dispensadores da doutrina judaica, chamando-lhes «hipócritas, sois como os túmulos caiados de branco por fora e guardando dentro podridão». Não O entenderam; mataram-O. Hoje igualmente há muita gente que O não entende e não sabe conversar com Ele.

Pedir riquezas de espírito, sim, porque são elas que nos levam à Vida. «Não queirais entesourar os bens deste mundo que a traça destrói e os ladrões roubam; entesourai antes no Céu aonde nem uma coisa nem outra pode chegar; aonde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração».

Pedir a perfeição moral; pedir luz para vermos os defeitos pessoais e forças para os neutralizar, o que é *difícilimo*. Eis a oração racional e aceite. «Orai sempre em espírito de verdade».

E aqui temos o que deve ser o Ideal do homem: lutar pela perfeição moral: «Eu vim trazer o gladio, não a paz». Lutar sempre; «Eu estarei convosco até ao fim dos séculos»; Lutar por amor de Deus; «Se permanecerdes em mim produzireis boas obras». Lutar, orando; «Sem mim nada podereis fazer».

Continua

Américo Aguiar

Chales de Ordins

As nossas tecedeiras continuam sempre com o inverno, como a estação, em que mais vezes e em maior número os amigos de Ordins pedem chales e agasalhos. E, dentro dela, há duas datas que são ocasião para encomendas sobre encomendas. É a semana da Mãe. E é o Natal. Assim tem sido. Este ano, porém, têm as coisas evoluído de modo diferente. Parecia que, por ser tão longo, dentro e fora do tempo próprio, o inverno nos haveria de trazer muitos pedidos. A semana da Mãe esperava-se fosse antecedida de hinos à Mãe, feitos de lá. Ora nada disto tem sucedido. Fracas têm sido as nossas vendas. Até, sob este aspecto, tem sido excepcional o ano para Ordins. Esperamos agora o Natal. E depois descansamos meses a fio, havendo pouca gente que nos levanta do nosso prolongado sono.

Quando às camisolas, somente duas tecedeiras de chales se resolveram. É trabalho moroso, pouco rendoso e é preciso aprender... Daí as restantes não se decidirem. Falta de iniciativa e de amor ao trabalho. O que nos vale é um grupo de pequenitas, algumas de palmo e meio, para atender as encomendas, que oxalá não faltem. Assim se vão preparando para o dia de amanhã.

★

Lisboa leva a camisola amarela, nesta competição fraterna de ajuda a Ordins. Temos lá a Senhora das Camisolas e a do chale mensal. Este ano, pelo volume das suas encomendas, que somam 10.500\$00, surgiu-nos também na capital o senhor dos chales, que assim apelido, por procurar resolver as «Férias Forçadas». Fala alto ao seu coração cristão esta coisra em que se procura auxiliar os necessitados, por meio de um trabalho que se lhes exige dentro das suas poucas possibilidades, pois esta forma de caridade, tem o condão de não humilhar quem a recebe, e dignificando o indivíduo ajuda-o a respeitar-se a si próprio, base indispensável para respeitar o seu semelhante». Que Deus o ajude! Sugere que os chales se distribuam pelas Casas do Gaiato, incluindo também o Calvário e as Belenitas, não falando já da dezena que foi para a sua residência, juntamente com 7 camisolas, e dos 30 já idos para Parada de Gonta.

Ainda de Lisboa há sobre a minha mesa mais pedidos. Eles do Liceu de D. Filipa de Lençaste (que é feito da M. P. F.?) e da Avenida de Roma. Ainda a Rua de Franc. Andrade e a de Artur Lamas. Mais a Avenida de João XXI, a-par-da de Ant. Augusto de Aguiar.

A Guarda com 150\$ veio por um médico para Alcobaça foram dois. Riachos levou três. Outro



TOJAL

Há intenção especial. Há vivas, saltos, entusiasmo, del'rio, sorrisos patuoscos, por serem francos. Há, em resumo, alegria.

São os doces, a animação e movimento singulares; são as visitas que chegam, outras que saem, prendas e mais prendas; são 3 telefonias onde vozes se misturam em desejos exultantes e sentidos. É o encontro com uma alegria activa que se encarrega de transformar e condonar o vosso exterior com o interior.

Quanto ela faz de belo! Como transformar tudo em belo!

Eu senti-me tão feliz naquele dia! Não pelo que era apenas, mas pelas circunstâncias. Isso sim.

Como é bom «vivermos como irmãos» cantamos nós tantas vezes! *Se isto fosse mais que um desejo...* Em conversas com os meus irmãos mais velhos sempre que posso lhes testemunho que valemos muito pela franqueza e pela fraternidade e que não deixaremos de lucrar menos.

Graças a Deus, nós caminhamos manifestamente para esta meta.

Que alegria reinou no 27.º aniversário do nosso Senhor Padre José Maria! Que reine no dia a dia como naquele.

— Laranjas! Só laranjas! Delas na mesa a todas as refeições até por cima do café; nos caminhos, nos campos, enfim... Só com elas temos enchido as nossas sobremesas e feito um dinheirão. E mais seria se o preço fosse como na cidade.

Estão quase todas vendidas. Veio, há dias, um sujeito e comprou-as quase todas; na primeira remessa foram 720 quilos. Quantos 720 tem ainda para levar.

Graças a Deus.

— Oficinas—tanto trabalho em todas. Na carpintaria talvez aperte mais; com o novo mestre a marcha do trabalho é mesmo marcha em frente em ritmo acelerado.

—Natal! Natal! Natal!

Pronto. Já ninguém mais chama por ele. Só se ouve — Oh! Agora só pró ano...

É um dia grande que se passa e é com tristeza que se vê passar tão rapidamente.

Zé do Porto

MIRANDA DO CORVO

Mais um Natal Feliz que todos nós sahorámos... mais um ano que passou depois do aparecimento de Cristo.

Este ano, foi um Natal em cheio: Na véspera, logo de manhã, o Sr. Padre Horácio dirigiu-se para Coimbra com uma valente carrada de vendedores para fazerem a distribuição do jornal; e também levou para os hospitais de Celas, broinhas... muitas broinhas, bolos, rebuçados, revistas, cigarros, bananas, tangerinas e brinquedos para que os doentes passassem um Natal Feliz e consolador.

tanto o Monte Estoril. Paço de Sousa e Vilanculos aqui vão. Cortiço da Serra recebeu, gostou e enviou mais 20\$. «Fiquei satisfeita. Se não é renda, parece. É interessante, muito interessante mesmo». Trata-se duma écharpe.

A Estação Telefónica de Coimbra veio por dois. Mais Coimbra. Carção tornou. Queria vê-lo por cá nas «Férias forçadas». Valeu? Barranco do Velho, Borba e Chamusca aqui vão. Rosário, Gaio do Rosário e Gavião seguem sem bulhas. Carviçais não nos esqueceu. Com 150\$ um dos grandes. Albergaria-a-Velha também segue na procissão.

O Porto veio visitar-nos e levou um chale e uma colcha de cama. Coimbra e a «Guidinha Portuense» trouxeram selos. Lisboa e a Maria da Saudade também estão presentes. Uma anónima do Porto, «conforme prometi o mês passado», não faltou. De uma promessa 240\$. E mais nada chegou a esta vossa Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

Padre Aires

Enquanto isto reinava cá em Casa a azáfama a preparar os presépios, o paço, os cenários e a limpeza geral de toda a casa.

A noite, chegaram todos os vendedores, os rapazes do Lar de Coimbra, e muitos outros que já estão à sua conta e não faltam neste dia. Os vendedores chegam muito radiantes porque venderam muito. Já havia longos anos que se não batia um record daquela natureza. Desde já, agradeço a todos os conimbricenses a gentileza que tiveram para com eles e também a todas as pessoas que contribuíram para o nosso Feliz Natal entre as quais o nosso médico muito amigo de Coimbra com um grande bolo-rei.

Como de costume, houve a famosa consoada: batatas com bacalhau, couves, pão e vinho. A nossa Opel carregada de mercearia por ordem de uma Senhora amiga e um saco de casta-

ANO XVI—N.º 439 Preço 1\$00 «O GAIATO» AVENÇA

Visado pela Censura

Cozinheiros improvisados, barulho, lenha, batatas, tronchuda, desordem... Serapilheiras, baldes, escovas, limpezas, a malta da copa atrapalhada. Refeitores aflitos, a senhora a «ber-



PELAS CASAS DO GAIATO

nhas por alma duma pessoa que nunca se esqueceu de nós nesta quadra. Depois de tudo isto esperamos que chegasse a meia-noite para irmos à missa. Todos assistimos com muita devoção e cantámos em honra do Salvador, hinos de louvor.

Achada a missa dirigimo-nos ao refeitório onde todos beberam uma chávena de café com bolos, filhós e rebuçados no meio de muita alegria.

O Cronista

PAÇO DE SOUSA

Natal na Nossa Aldeia é sempre um dia grande. Tão grande como a família enorme que nós somos. Natal na Casa do Gaiato é o mesmo que Portugal Unido em grande dia, pois de todas as províncias a Obra da Rua tem filhós. Em todas elas fazem um Portugal melhor os já criados. E a nota mais encantadora do mundo que são os netos. A todos temos de lembrar pois fortes laços estão a nós vinculados, muito em especial os que estão na África e a quem ainda há pouco Sepadre Carlos abraçou em nome de todos os que cá ficaram, no Brasil, e em mais países.

O Bom, o mau, o filho pródigo, todos os que podem nos vêm trazer o abraço, as saudações a entes queridos. A alegria de todos. A fraternidade. A elevação nestas horas de alto regozijo que vivemos. O Natal na Casa do Gaiato, é o melhor natal de Portugal...

— Olha ali o Menino Jesus!...

— Ele não tem frio...

— Olha que lindo que ele está! Ele no Céu também está assim?!

Surpreendemos os pequeninos Laranjinha, Zé Manel, Renato, à beira do presépio da Casa Mãe!

Todas as outras casas têm o seu presépio, que os chefes organizam todos os anos. Cada um em sua casa. Há prémios e todos trabalham para ganhar. Desta vez, parece-nos que coube à Casa dois de cima. Na verdade está um presépio muito simples que mais fazia lembrar a Vinda de há dois mil anos.

A nossa casa é a «estalagem» que abriu a porta a tantos que nasceram também em humildes palhinhas. O Menino Jesus nasce todos os dias em nossa casa. Todos os que nascem nos aquedutos, palha muito humilde, pavas de molico e demais lugares onde habita a D. Miséria são da nossa marca. A Cruz que os Pelicanos abraçam. Muito dura, mas quão suave!...

rar» com o desentendimento da malta, Sepadre Carlos e Sepadre Manuel «em vinho de alho!»

— Eu quero uma valente pratada!...

— Eu é sou tronchuda...

— Eh que lateiro! Oh pá, é preciso uma cani-ada...

— O bacalhau está a mandar chover. Da cá mais um pouco do fiel amigo que estou aqui com um hicho a roer...

Os pratos do Machado, Semonteiro, Jau, do Quim Carpinteiro, pareciam pirâmides. Eram autênticos monumentos... Quem tem amigos não morre na cadeia... O Sepadre Carlos e Sepadre Manel também só ficaram atrás por um bocadito!

Cândido, com a Anitas e o nosso querido Afilhado; Abel, Idalina e sua prole, vieram do Tojal com a sua alegria e seu amor ao mais pelo rincão que há na nossa terra e dar mais animação a tudo isto! Lá estava o dr. Avelino Santos com a Anitas e Limito. O Mendes e os seus respectivos. O Pinto e suas ditas cujas. Os queridos netos da Obra que todos abraçam. Todos querem, todos beijam, todos amam e vivem o quadro mais enternecedor da nossa aldeia. Quem fica indiferente? Quem é capaz de resistir? Natalidade viva. Real. Que fica impressa em todas as mentes!

O teatro com o incansável Américo e todos os outros colaboradores. A Missa do Galo. O Pai Américo que do Céu vê tudo. O seu sorriso permanente. Nesta altura todos estão mais presentes. Todos murmuram a sós, baixinho um não sei quê de sublime, de real!

A madrinha dos Gaiatos, presente com o fresco e bom Bolo Rei. Há muitos anos que isto se repete e, desinteressadamente, a sua presença nos traz o abraço amigo que penetra no âmago das almas!

A Mensagem que os vicentinos levaram, com Mendes à frente até à baraca, ao tugúrio, ao doente, ao aleijado... O Natal não é um dia qualquer. Não pode ser nunca um dia como os outros, mas sim qualquer coisa! O frio assim não custa tanto a suportar, o vento sopra mais de mansinho, o candelabro destes pequeninos calvários arde mais fortemente. São as línguas do fogo que brilham na densa escuridão. O Pobre é mais consoado, vida mais suave, o Homem mais perto de si!

Naquela encosta, pequenina casa que mais parece um ninho onde há muitas bocas a pedir pão, é hoje um pequenino tabernáculo preparado pelos nossos. Os animais lhes fazem carícias. O arvoredor se curva em tom reverencial. Aquele pequenino regato traz o cântico da água que espelha. Estas ervas, aquelas flores que tudo perfumam nos diz que é *Alguém que vai a passar!*

A nossa comadre trouxe uma prenda e meteu no sapatinho do Sepadre Carlos, a nós no nosso sapatão. Os outros. Todos os outros que também estão presentes com o seu calor, todos os leitores, velhos amigos, as gentes que sempre acorrem à pequenina mandegora tornada altar. Também naquele tempo, os humildes pastores foram os primeiros a receber a Boa Nova! Também os reis de hoje não faltam com as suas prendas e Belém torna-se mais presente!

Daniel

LAR DE LISBOA

Aproveitando o parágrafo do futebol, cumpre-me dizer aos leitores que no dia 25 deste mês, a nossa equipe faz ou (fez) o primeiro aniversário após a inauguração oficial.

Esse primeiro ano merecia e devia ser comemorado mas não temos posses para tal. A melhor recordação que eu poderia dar seria um emblema da nossa equipe aos jogadores e sócios, mas estes nem pagam o que devem! Desculpem, (isto sem ofensa para alguém)... Mas voltando ao domingo acima referido, em que o seu fim surgiu com a peça teatral pela segunda vez naquele paço apresentada pelo Grupo Cénico dos nossos amadores tojalenses e com a nossa chegada a Lisboa às duas horas da manhã, como sabem era segunda-feira, dia de...

Temos também de não deixar passar em branco os nossos amigos leitores que nos têm mandado muitas coisas para o nosso Lar e como é de ver é-me impossível descrever todos os nomes; portanto devem-me ter desculpado o meu atrevimento, mas neste voto vão gravados todos os nomes dos nossos amigos, e muito obrigado pelo que nos têm mandado.

Na próxima vez que escreva talvez para aos leitores, uma coisa muito especial a favor do nosso clube.

Quem adivinha o que é? Eu depois explico-lhes.

Agostinho Coelho (Lampreia)



Aqui Miranda do Corvo. Há 21 anos em humildes palhinhas, nasceu a Obra da Rua. Assim, naquela noite frígida, testemunhada por flores e ramagens, apareceu uma estrela...